



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

LAYZA ARIANE ALVES BANDEIRA

**UMA ETNOGRAFIA DA MIGRAÇÃO NO ESPAÇO FRONTEIRIÇO FRANCO-  
BRASILEIRO: ATORES, MOBILIDADES E DISCURSOS SOCIAIS**

**Macapá-AP**  
2018

LAYZA ARIANE ALVES BANDEIRA

**UMA ETNOGRAFIA DA MIGRAÇÃO NO ESPAÇO FRONTEIRIÇO FRANCO-  
BRASILEIRO: ATORES, MOBILIDADES E DISCURSOS SOCIAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para conclusão da graduação em Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá.

Orientador: Prof. Dr. Handerson Joseph

**Macapá-AP**  
2018

LAYZA ARIANE ALVES BANDEIRA

**UMA ETNOGRAFIA DA MIGRAÇÃO NO ESPAÇO FRONTEIRIÇO FRANCO-  
BRASILEIRO: ATORES, MOBILIDADES E DISCURSOS SOCIAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como  
requisito para conclusão da graduação em  
Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais da  
Universidade Federal do Amapá.

Orientador: Prof. Dr. Handerson Joseph

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dr. Joseph Handerson (Presidente)**

---

**Prof. Dr. Marcus André de Souza Cardoso Silva**

---

**Prof<sup>a</sup>.Dra. Carmentilla das Chagas Martins**

## **AGRADECIMENTOS**

A grande dádiva da vida que é ver a luz interior de cada ser.

Por este momento do grande desafio que passei, mas não sem a amizade e o amor de pessoas amigas. A amizade é o mais puro sentimento de amor daqueles que podem estar ao seu lado; longe ou perto.

Agradeço, primeiramente, a todos os meus guias espirituais por todo o discernimento dado para mim nesta caminhada.

Agradeço a todos os amigos que conheci, durante a oportunidade que me foi dada pelo governo do Partido dos Trabalhadores (PT) de cursar uma universidade pública. Entre estes amigos quero destacar o carinho de pessoas muito queridas:

Obrigada Luana Darby por todo acolhimento e bondade. Obrigada Charles Cardoso pelo sorriso estampado na cara. Obrigada Rayanne Pontes e Ricardo Teixeira pelos grupos de trabalho (Rayanne todo o amor a ti). Obrigada Lorrann Lima pela linda e sincera amizade. Obrigada Cleiton Rocha e Juliana Rocha pela grande amizade, recheada de longas conversas, de forte carinho e de muitos conflitos pessoais. Obrigada Carol Bonfim pela alegria, pelo empoderamento e a coragem (que todas nós mulheres possamos pulsar). Obrigada Patrícia Rocha pelo amor e apoio maternal que sempre me deu força quando faltava.

Agradeço ao Yuri Rapkiewicz por todo carinho, amor e companheirismo. Tu sempre me recebeste de braços abertos e é a minha melhor companhia. Grata por tudo. Amo-te, meu amor.

Agradeço a minha família por todo aprendizado de força, coragem e fé transmitidas, e especialmente a minha mãe, Maria Luzia, e a minha irmã, Larissa Alves, por serem os símbolos de amor, coragem e força que pulsam dentro de mim. Por vocês faria tudo.

Agradeço ao corpo docente do Colegiado de Ciências Sociais, sobretudo ao professor orientador Joseph Handerson pela oportunidade de compartilhar comigo seu conhecimento. Grata pela sua paciência e reflexão com o processo da escrita.

Agradeço, finalmente, aos meus interlocutores migrantes que, por vezes pude ouvir e ver durante suas incessantes jornadas. Sou grata pela oportunidade de descrever suas narrativas.

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma etnografia da migração no espaço fronteiro franco-brasileiro. Por que uma etnografia da migração. Porque todas as narrativas aqui inscritas elucidam atores, sentidos, modos de ser e o estar dentro de um processo migratório. E quem são esses atores. São todos aqueles que inscrevem a trama do discurso social desse espaço franco-brasileiro, percorrendo cidades ou fixando-se nelas, isto é, migrantes haitianos, cubanos, senegaleses, moradores locais, instituições governamentais ou assistencialistas. E que discursos sociais são esses? São as perspectivas dos próprios migrantes que vivem os processos de mobilidade, como eles se veem nesse processo migratório, as dos moradores locais e as perspectivas das instituições governamentais e assistencialistas. Reconhecendo que há diversas formas de abordagem e caminhos a serem percorridos por aqueles que desejam interpretar o fenômeno das migrações busquei uma perspectiva, um olhar do fenômeno da migração na intenção de visibilizar os múltiplos e diferentes sentidos da mobilidade. Assim, para tentar compreender os discursos sociais que giravam em torno dos sujeitos migrantes, a aproximação de interlocutores e das instituições constituiu o lócus metodológico desta pesquisa que percorreu cidades amapaenses como Oiapoque, Santana e Macapá, reunindo narrativas através da observação, da escuta e da escrita dos encontros etnográficos. Como objetivo foi o de identificar as percepções e os discursos sociais atribuídos às imagens da migração no espaço fronteiro franco-brasileiro, reunir narrativas de migrantes e de outros sujeitos que compõe as estruturas sociais dessa fronteira, descrevendo os sonhos, os objetivos e as percepções de sujeitos em mobilidade, valorizando as imagens que eles mesmos atribuíam a sua condição de migrantes no território brasileiro e elucidei as percepções que as instituições governamentais e assistencialistas atribuíam à presença dos migrantes no território franco-brasileiro.

**Palavras-chaves:** Fronteiras. Migrantes. Instituições

## ABSTRACT

This article aims to present an ethnography of migration in the Franco-Brazilian frontier space. Why an ethnography of migration. Because all the narratives inscribed here elucidate actors, senses, ways of being and being within a migratory process. And who are these actors. They are all those who enter the fabric of the social discourse of this Franco-Brazilian space, touring cities or fixing themselves in them, that is, Haitian, Cuban, Senegalese migrants, local residents, governmental or welfare institutions. And what social discourses are these? It is the perspectives of the migrants themselves who live the processes of mobility, as they see themselves in this migration process, those of the local residents and the perspectives of the governmental institutions and assistencialistas. Recognizing that there are several approaches and paths to be followed by those wishing to interpret the phenomenon of migration, I have sought a perspective, a look at the phenomenon of migration in order to visualize the multiple and different meanings of mobility. Thus, to try to understand the social discourses that revolved around the migrant subjects, the approach of interlocutors and institutions was the methodological locus of this research that toured the cities of Oiyapoc, Santana and Macapá, bringing together narratives through observation, listening and writing of the ethnographic meetings. The objective was to identify the perceptions and social discourses attributed to the images of migration in the Franco-Brazilian border space, to gather narratives of migrants and other subjects that compose the social structures of this frontier, describing the dreams, the goals and the perceptions of valuing the images that they themselves attributed to their status as migrants in the Brazilian territory and elucidated the perceptions that the governmental institutions and assistencialistas attributed to the presence of the migrants in the Franco-Brazilian territory.

**Keywords:** Borders. Migrants. Institutions

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
1.1 “DUAS NAÇÕES LIGADAS POR UM SONHO QUE VIROU REALIDADE ....	8
1.2 UMA FRONTEIRA DESENHADA.....	9
<b>2 PERCORRENDO CIDADES AMAPAENSES</b> .....	11
2.1 OIAPOQUE: A CIDADE FRONTEIRIÇA.....	11
2.2 SANTANA: PORTO DE ENTRADA E SAÍDA, E MACAPÁ: A CAPITAL AMAPAENSE .....	17
<b>3 ATORES, PERCEPÇÕES E DISCURSOS SOCIAIS DA MIGRAÇÃO</b> .....	21
3.1 ATORES EM MOBILIDADE: INSTITUIÇÕES, SUJEITOS E PERCEPÇÕES.....	21
3.2 “BARREIRAS, UMA MEDIDA DE SEGURANÇA E BEM-ESTAR”.....	26
<b>4 CONCLUSÃO</b> .....	29
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	31

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 “DUAS NAÇÕES LIGADAS POR UM SONHO QUE VIROU REALIDADE”

“Duas nações ligadas por um sonho que virou realidade”, esta era a frase de um banner exposto na frente do prédio da Prefeitura Municipal de Oiapoque, observado por mim, em uma das saídas de campo na localidade. Este banner fazia referência à ponte binacional sobre o Rio Oiapoque, estrutura que teve sua construção iniciada no ano de 2008 (por meio de acordos bilaterais entre Brasil e França). A conclusão dessa obra, ou o “sonho que virou realidade”, representou a concretização de interesses geopolíticos e econômicos dos Estados, brasileiro e francês. A ponte compõe o projeto de finalização da infraestrutura da Rodovia Federal BR-156<sup>1</sup>, concluída em 2012, ela esteve fechada durante quatro anos, sendo liberada para o trânsito de pessoas apenas em 18 de Março de 2017.<sup>2</sup> Em Março de 2018, a organização do sistema de serviços de controle fronteiriço; que integra o registro de identificação, a gerência tributária e a fiscalização aduaneira de produtos se encontravam em fase de formalização entre Brasil e França.<sup>3</sup>

Neste contexto, me dediquei a etnografar as dinâmicas fronteiriças da região. As primeiras observações do espaço fronteiriço, já haviam denunciado um cenário de alta movimentação entre as regiões e suas assimetrias políticas, econômicas e sociais encontradas nos dois lados da fronteira. Estas assimetrias podem ser descritas através da narrativa dos

---

<sup>1</sup>Cf. (OLIVEIRA, 2011, p.26): “a materialização destas obras iria produzir novas dinâmicas nesta fronteira impactando significativamente as cidades envolvidas. Do lado brasileiro, a BR-156 é decisiva para o processo de desenvolvimento econômico, visto que possibilita o escoamento de mercadorias em direção a vários municípios do Estado (dinamizando suas economias) e para a Guiana Francesa via Porto de Santana”.

<sup>2</sup> Conforme notícia da BBC, do dia 3 de Janeiro de 2016: intitulada “A ponte entre Brasil e Guiana Francesa que ninguém pode cruzar.(...) ‘Pare. Identifique-se’, diz uma placa amarela e preta no extremo brasileiro da ponte entre a América Latina e a União Europeia – e, se alguém ultrapassa os limites demarcados pelo arame, um guarda aparece ao longe e grita: ‘Volte!’. O grito rompe o silêncio reinante na imponente obra cinza e vazia sobre o rio Oiapoque, cujas águas marcam a fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa, na selva amazônica. Ainda que a ponte estaiada com pilares de concreto de 378 metros de comprimento tenha sido terminada há quatro anos, ela nunca foi inaugurada, e seu uso está proibido.” (Referência: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160103\\_ponte\\_brasil\\_guiana\\_francesa\\_rb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160103_ponte_brasil_guiana_francesa_rb)) Acessado 03 de Dezembro de 2017.

<sup>3</sup>O processo tem sido retratado nos meios de comunicação. Situo o título de duas reportagens sobre o tema, que ilustram eventos significativos: A primeira veiculada pelo Diário do Amapá, identifica: “Promulgados mais dois decretos para a abertura da ponte Internacional sobre o Rio Oiapoque - Mais dois acordos Internacionais que regulamentam a ligação terrestre entre os dois países, aprovados pelo Parlamento francês foram publicados nesta terça-feira, 17, pelo governo brasileiro no Diário Oficial da União”. A segunda, do Jornal o Globo, 29 de Julho de 2017, intitulada: “Aduana da Ponte Binacional em Oiapoque deve ser entregue em setembro, diz Dnit estrutura para fiscalização funciona de forma provisória na ponte que liga o Amapá e a Guiana Francesa. Pátio aduaneiro vai receber órgãos como Receita Federal, Anvisa e Ibama”.



transeuntes e do contraste das condições de vida das populações de São Jorge e Cayena, cidades localizadas no Departamento Ultramarino Francês, e no Oiapoque, Macapá e Santana, municípios brasileiros.

Trazer as narrativas desses transeuntes foi a proposta dessa etnografia que realizada nesses distintos espaços buscou valorizar, nas trajetórias dos migrantes, os sentidos sociais atribuídos as experiências da mobilidade na região. Seguindo a proposta metodológica de que “acompanhar os amplos deslocamentos e a circulação de pessoas nos territórios fronteiriços possibilita ampliar as reflexões sobre a polissemia de sentidos do termo ‘fronteira’” (ALBUQUERQUE, 2009, p.138), me dediquei a identificar a “polissemia de sentidos” (Ibid., p.138) da fronteira franco-brasileira e situo formas variadas de instrumentalização deste lugar, por habitantes locais, sujeitos migrantes e instituições militares (Polícia Federal e Exército), religiosas (Católicas e Evangélicas) e de assistencialismo (serviços públicos de assistência social e ONGs).

A aproximação de interlocutores e de instituições constituiu o lócus metodológico desta pesquisa, que percorreu cidades amapaenses reunindo narrativas através da observação, da escuta e da escrita dos encontros etnográficos. Assim, o objetivo foi identificar atores e os discursos sociais atribuídos às imagens da migração no espaço fronteiriço franco-brasileiro. O texto inscreve narrativas de sujeitos migrantes do Haiti, Guiana Francesa, Senegal, Venezuela, e dos demais sujeitos constituintes deste espaço fronteiriço. De forma complementar, o discurso de instituições policiais, religiosas e assistencialistas, é trazido também com intuito de ampliar o entendimento dos sentidos sociais atribuídos à presença dos migrantes na região fronteiriça. Portanto, inscrevi os atores e as redes de sociabilidades que oportunizaram trocas culturais, linguísticas e econômicas que exteriorizam as relações sociais características das cidades amapaenses.

Reconhecendo as diversas formas de abordagem e caminhos a serem percorridos por aqueles que desejam interpretar o fenômeno das migrações, assim como pontuam os autores com quem dialogo, busquei conhecer particularmente cada trajetória dos migrantes entrevistados como forma direta de abordagem e a escuta de suas trajetórias como meio de visibilizar os múltiplos e diferentes sentidos da mobilidade.

MarcAugé (2010) tem analisado que pesquisar o fenômeno migratório é tentar compreender as contradições que minam nossa história e isso nos leva a entender que os movimentos migratórios fazem parte de um contexto histórico dialético. Estes contextos são minados por guerras, fomes, epidemias e etc, contribuindo para formação de diversas

migrações forçadas que para algumas sociedades isso passa despercebido. Assim trazer como proposta as trajetórias de sujeitos em mobilidade e em circulação foi incidir o olhar sobre os determinantes que colocaram esses sujeitos em curso e sobre as subjetividades da migração. Estas subjetividades são as chaves interpretativas para compreendermos os sentidos da migração no contexto franco-fronteiriço e como a presença desses transeuntes reverbera em cidades, fronteiras diferentes das suas.

No entanto, Joseph tem analisado que é necessário observar “mais sobre as dinâmicas, as lógicas e as relações sociais construídas durante o percurso da viagem do que os determinantes da migração” (2015, p.44), isso nos levar a refletir que tanto as lógicas como os determinantes das migrações, um ao outro, coexistem nas realidades que se expressam na narrativa de diversos migrantes, são, por exemplo, realidades vividas em seus países de origem; dificuldades sociais, econômicas, políticas enfrentadas; e sonhos a serem realizados.

## 1.2 UMA FRONTEIRA DESENHADA

Dentro do contexto das fronteiras nacionais e internacionais da Amazônia, existe uma variedade de sujeitos e populações que matizam esta região: ribeirinhos, índios, pequenos agricultores, catraieiros, pescadores e transeuntes que convivem no limiar das fronteiras setentrionais, que a tornam/tomam como um lugar instrumentalizado e subjetivo. O estado do Amapá é um território formado por uma população de pessoas provenientes de várias regiões do Brasil e de países próximos a esta fronteira. A história do Estado atesta uma série de políticas de ocupação deste território. Autores como Bertoli *et al.* (1995), identificaram quatro fases de ocupação desta parcela da região norte do país, em pesquisa que aborda o período temporal entre os anos de 1757 e 1900. A primeira grande ocupação forçada foi resultado do remanejamento de índios das regiões paraenses de Oeyras, Melgaço, e Monte Alegre, com intuito de fornecer mão-de-obra para construção da infraestrutura dos colonizadores portugueses. A segunda, de colonos da Ilha dos Açores, teve por objetivo povoar a Província dos Tucujus.<sup>4</sup> A terceira fase, insere-se no movimento de adesão tardia<sup>5</sup> das Vilas de Macapá e Mazagão ao movimento insurgente Cabano<sup>6</sup>. A quarta e última ocupação, corresponde ao fim do século XIX e início do século XX, período em que a

---

<sup>4</sup>Área que abrange os municípios de Macapá, Mazagão, Laranjal do Jari, Vitória do Jari, Ferreira Gomes, Itaúbal do Pírim, Porto Grande, Santana, Água Branca do Amapari e Pedra Branca.

<sup>5</sup>Em função da origem Açoriana e Norte-Africana dos colonizadores que eram fieis à Coroa Portuguesa.

<sup>6</sup> Revolta popular do período Regencial do Governo Imperial brasileiro, que ocorreu entre os anos de 1835 e 1840 na província do Grão-Pará, recebeu esse nome por causa dos muitos revoltados que moravam em cabanas às beiras de rios.

borracha estava bem cotada no mercado internacional, demandando volumosa mão de obra para sua extração, movimentando um grande contingente de migrantes nordestinos que se instalaram ao sul do Amapá - sendo eles, sobretudo, maranhenses e cearenses. No entanto, outros empreendimentos históricos de extração de minerais na região também foram responsáveis por um grande movimento pessoas em buscar de emprego e renda.

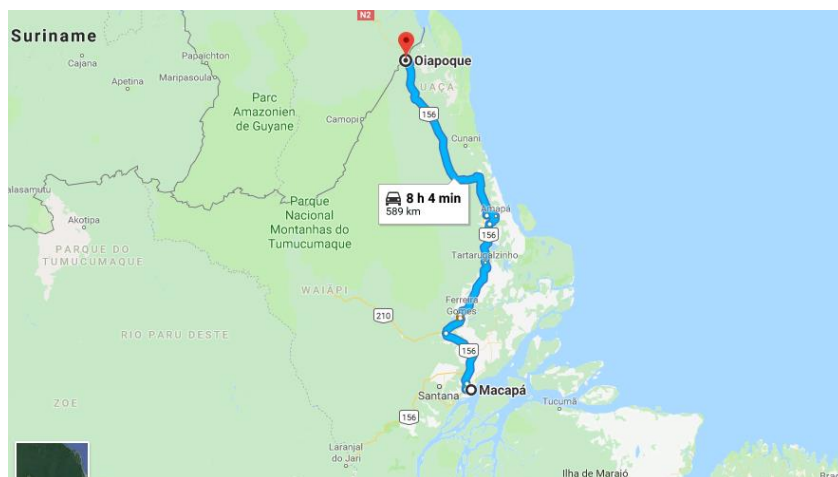
Esses dados histórico dos assentamentos humanos no estado introduz na atualidade um processo, não atual, de mobilidade transfronteiriça que se circunscreve, na mobilidade de pessoas, objetos, moedas, carros e entre outras coisas que cruzam os espaços, como por exemplo, a circulação do euro e do idioma francês no estado<sup>7</sup>.

Os migrantes que transitam ou que moram nesse espaço, a um só tempo, produzem múltiplas relações, dinamizando assim a pluralidade cultural característica das regiões fronteiriças. Estas áreas são lugares privilegiados para a observação de processos migratórios, misturas culturais, hibridismos, identificações múltiplas, alteridades situacionais. (ALBUQUERQUE, 2012; PEREIRA, 2006; HANNEZ, 1997).

## 2 PERCORRENDO CIDADES AMAPAENSES

### 2.1 OIAPOQUE: A CIDADE FRONTEIRIÇA

#### MAPA DO PERCURSO ENTRE MACAPÁ E O OIAPOQUE



Fonte: Googlemaps. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/maps/dir/Macap%C3%A1,+AP/Oiapoque+-+AP,+68980-000/>> Acesso em: 05 de Dezembro de 2017.

<sup>7</sup> Por uma questão de aproximação geográfica, social e política, e por ficar a critério das escolas qual o idioma a ser ensinado, algumas escolas de Macapá aplicavam o ensino da língua francesa, no entanto, com a nova reforma do ensino médio, as escolas públicas deixaram de aplicar o idioma, restando apenas o centro de referência de língua francesa *Danielle Mitterran* - Centro Estadual de Língua e Cultura Francesa.

A BR 156 é uma Rodovia Federal longitudinal, que atravessa diversos municípios do estado do Amapá tais como Pedra Branca do Amapari e Calçoene; passando no interior de terras indígenas demarcadas do Amapá, como o Território Indígena Uaçá, este trajeto, nos meses de verão da Região Norte do Brasil (Setembro, Outubro e Novembro), pode ser realizado entre seis e sete horas, no entanto, esta mesma viagem empreendida no período de chuvas (Março, Maio e Junho,) demoraria até vinte horas para ser concluída.

### **IMAGEM 1 – FOTO DO TRECHO DA BR 156**



Fonte: Fotografia de Layza Bandeira - Amapá - Setembro de 2017.

A BR 156 possui 590 km, dos quais, apenas 110 km não são asfaltados. Na ocasião desta pesquisa de campo, em Maio de 2017, era temporada de grandes fluxos de chuva na região<sup>8</sup>, este período, me proporcionou vivenciar as dificuldades de mobilidade relativas às péssimas condições de tráfego nesta rodovia durante o inverno amazônico. Realizando a viagem em vinte horas, que foi interrompida três ou quatro vezes devido aos atoleiros de lama, percalço que fez com que todos os passageiros desembarcassem do ônibus por algumas vezes. Os deslocamentos entre as cidades amapaenses de Macapá e Oiapoque foram realizados em duas ocasiões: Na primeira delas, me dirigi ao Município de Oiapoque, no mês

---

<sup>8</sup>O Estado do Amapá possui um clima equatorial superúmido que promove grandes índices de chuva no começo do ano, pude ver, acompanhar e sentir, a dificuldade que é trafegar em 110 km de muita lama.

de Setembro de 2016, participando da organização da “Jornada internacional sobre mobilidade de pessoas e direitos humanos na fronteira franco brasileira (Guiana Francesa – Brasil)”, atividade coordenada pelo Prof. Dr. Handerson Joseph, em conjunto com os integrantes do Programa de Apoio a Migrantes e Refugiados - PAMER<sup>9</sup>, do qual fiz parte. Na segunda ocasião, no período de Maio de 2017, retornei ao município para a realização da pesquisa de campo para o trabalho de conclusão de curso de Ciências Sociais.

Neste retorno à cidade as quatorze horas e dez minutos do dia 11 de Maio de 2017 cheguei no Oiapoque. A paisagem desta cidade é desenhada por ladeiras, que na sua grande maioria desembocam na rua que fica às margens do Rio Oiapoque.<sup>10</sup> Entre as ruas que alcançam às margens do Rio, há uma avenida. A Avenida Barão do Rio Branco, ela homenageia a figura de uma autoridade brasileira que foi a principal responsável pela defesa dos interesses brasileiros negociados no Tratado de Utrecht, em 1900. As alegações históricas, geográficas e jurídicas mobilizadas por Rio Branco, foram acolhidas pela Corte Internacional da Suíça, que reconheceu ao Brasil a propriedade de terras até o Rio Oiapoque.<sup>11</sup>

## IMAGEM 2 – FOTO DO MONUMENTO HISTÓRICO NO OIAPOQUE



Fonte: Fotografia de Layza Bandeira - Amapá - Setembro de 2017.

<sup>9</sup>O Programa de Apoio a Migrantes e Refugiados – PAMER é um grupo de extensão da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) que tem por objetivo prestar gratuitamente assessoria jurídica, psicológica e social aos migrantes, refugiados e os solicitantes de refúgio, que são considerados como pessoas em situação de vulnerabilidade.

<sup>10</sup>O rio não é apenas considerado um limite fronteiro para aqueles sujeitos que residem na comunidade, o rio é o lugar em que se inscrevem seus modos de vida.

<sup>11</sup>O que foi contestado pela França, que afirmava que era seu território, e o limite brasileiro era o Rio Araguari.

Percorrendo esta avenida, destaca-se, uma estrutura de mármore; O monumento da cidade sinaliza: “Aqui começa o Brasil”. A estrutura registra e homenageia em lápide o escoteiro “José Alves Pessoa, que em 01 de março de 1972, iniciou memorável marcha a pé, de integração nacional, ligando os extremos Norte-Sul do Brasil em um percurso de 6. 170 km.” A rua que atravessa esse monumento, é o espaço onde concentram-se as edificações que sediam diversas instituições públicas e privadas; postos de serviços e estabelecimentos comerciais de pequeno e médio porte: casas de açougue, lojas de confecções, bares, restaurantes, casas de câmbio, farmácias, igrejas, o Mercado Municipal e a Prefeitura. Os sujeitos que se deslocam por essa via são diversos: autônomos com suas mercadorias à mão ou em seus pequenos carrinhos de comida, feirantes, pescadores, taxistas, moto-taxistas, catraieiros, frentistas. Há um frenético vai e vem de pessoas, carros, motos, catraios, bicicletas.

Neste ambiente busquei interpretar estranhamentos e olhares mútuos que se votavam a mim. O exercício de me situar em uma nova cidade, me fez lembrar o que escreveu o antropólogo norte-americano Clifford Geertz, ao observar que “situar-nos, é um negócio enervante que só é bem-sucedido parcialmente [...]” (GEERTZ, 1989, p.23) De fato, o que dificulta nosso entendimento acerca das dinâmicas sociais de um lugar, é a nossa falta de familiaridade como espaço que acabamos de conhecer; e isto reflete sobre os estranhamentos ao qual pude sentir ao tentar uma aproximação com os sujeitos migrantes, no entanto, o situar-se cabe também a estas pessoas, pois por variados motivos mantêm-se reservados mediante qualquer aproximação que não esteja dentro das suas redes de contato.

Assim, notando a diversidade dos sujeitos que circunscreviam aquela paisagem, observei a cidade para ter uma ideia de como os migrantes estavam distribuídos pelo município e de que forma eles utilizavam os lugares da cidade. Logo, na tentativa de encontrá-los, circulei pela cidade, embora meu ponto privilegiado de observação tenha sido a rampa Kayamã; um dos pequenos portos da cidade de Oiapoque . Neste local atracavam as pequenas catraias<sup>12</sup> e outras médias embarcações. Estes barcos são as opções de transporte fluvial, para o traslado de pessoas entre o Oiapoque e o distrito do território brasileiro como a Vila Brasil, as áreas de garimpo, São Jorge (Departamento Ultramarino Francês) e as localidades indígenas situada do lado francês da fronteira.

---

<sup>12</sup> Nome designado às pequenas embarcações de madeira, que se deslocam através da propulsão de um pequeno motor à diesel, chamado popularmente de “rabeta”.

### IMAGEM 3 – FOTO DO ACESSO A RUA DO COMÉRCIO (OIAPOQUE)



Fonte: Fotografia de Layza Bandeira - Amapá - Setembro de 2017.

Conforme mencionei anteriormente, a percepção do intenso movimento nos arredores da rampa Kayamã, me encorajou a permanecer por ali. Assim, observei que naquela rua<sup>13</sup> circulavam muitas pessoas, e se concentrava um número expressivo de catraieiros. As circunstâncias de mobilidade do local me levaram a crer que estes barqueiros deveriam interagir com indivíduos de diferentes nacionalidades (guianenses, haitianos, franceses, etc).

Neste contexto, conheci o Sr. Benedito dos Santos Romano, ou, como muitos o chamam, “Seu Bena”. Entre os catraieiros que conheci, este homem se destaca na medida em que trabalhou doze anos no ofício de catraio, na área de turismo, além de ter sido presidente da Cooperativa de Catraieiros de Oiapoque - COMFCOI<sup>14</sup>. Durante nossa conversa, o catraieiro confirmou minha suposição: Seu Bena destacou a existência de pessoas de diversas nacionalidades que atravessam o Rio, como por exemplo, franceses crioulos e brasileiros, que embarcam nos catraios para atravessar uma fronteira com intuito de fazerem compras. O catraieiro também revelou que os haitianos são os que mais têm atravessado o Rio, como forma alternativa de cruzar o limite fronteiro franco-brasileiro: “os *haitienses* vão como

<sup>13</sup>A rua dos comércios é a mesma rua em que está situada a rampa Kayamã.

<sup>14</sup>Cooperativa de Transportes Fluviais e Terrestre de Oiapoque.

clandestinos, em um transporte clandestino que chamamos de canoa de pau, essa canoa viaja pelo Oceano.” (Benedito, Oiapoque, Maio de 2017). Atualmente, temos percebido um grande fluxo de migrantes que cruzam fronteiras, tanto oceanos como rios, na região norte segundo alguns trabalhos de antropólogos e sociólogos esta fronteira tem sido um acesso para variados fins, desde comércio, imigração, tráfico e turismo.

Por fim, seu “Bena” me apresentou sua companheira, Maria Nilza Aires da Silva, autônoma na área alimentícia há 10 anos. O casal relata que o sustento de sua família é garantido por meio do trabalho que exercem na rampa. Desta forma, conversando com Dona Nilza, descobri que há uma circulação de moedas, euro e o ouro, alternativa ao real, que fomenta o comércio varejista da região. A oferta do euro, pelas ruas comerciais do Oiapoque, é algo comum de se ver, já que a moeda é negociada pelos cambistas, a uma cotação menor do que a oficial. Esta senhora relata que por ali “atravessa todo tipo de ser humano” (Oiapoque, Maio de 2017). A fala de Dona Nilza me provocou a pensar sobre quais seriam as motivações que levam os migrantes a saírem dos seus países de origem. Estas motivações, as quais encontraram na minha pesquisa, variam desde: “Estar em condição de mobilidade é buscar a possibilidade de melhorar de vida.” (Elizeu, Oiapoque, Maio de 2017). “Migrar para mim é poder ajudar minha família. Minha intenção só é trabalhar, só quero trabalhar...”. (Mohamed, Oiapoque, Maio de 2017). “A meu ver, a presença dos migrantes haitianos promove a recolonização do Brasil”. (Luís Carlos, Oiapoque, Maio de 2017). “Migrar é ter o direito universal de viver aonde quiser, é sair do seu país de origem sabendo que vai enfrentar qualquer trabalho, cultura e preconceito” (Alexandre, Oiapoque, Maio de 2017).

Na literatura consultada sobre os processos de mobilidade as causas mais recorrentes que animam os movimentos migratórios são:

[...] os conflitos armados, a opressão política, a pobreza, a ausência de redes de segurança para as necessidades fundamentais, a degradação do ambiente, os desequilíbrios demográficos, os fatores climáticos, o processo acelerado de urbanização e a falta de participação nos processos políticos e muitos outros. (OLIVEIRA, 2016, p.184).

Juntamente a essas causas, as subjetividades descritas à cima pelos meus interlocutores, provocam interpretações que estão em dois campos discursivos, isto é, a coexistência de campos de possibilidades por àqueles que desejam migra, que estão ligados a extratos sociais de raízes emigratórias e imigratórias; são possibilidades de vivenciar outras realidades diferentes das suas ou a fuga de conflitos sociais, econômicos, políticos e etc, e até mesmo influencias culturais de uma forte mobilidade cultural enraizada em diversas sociedades.



Incrementando essa discussão, Joseph (2015) tem apontado existência de raízes culturais que permeiam os processos migratórios. O antropólogo, que pesquisou o fenômeno da mobilidade haitiana na região compreendida por Brasil, Guiana Francesa e Suriname, constatou que estes lugares, a tríplice fronteira da Amazônia, são proeminentes na tradição da prática migratória de deslocamento de pessoas do Haiti. Neste quadro, a etnografia que realizei no espaço fronteiro franco-brasileiro, reforça a ideia de que as fronteiras são descritas e utilizadas de diversas formas; defendo que a atribuição de sentidos sobre a migração e os usos que os sujeitos fazem da fronteira são práticas que colocam em sinergia múltiplos atores, realidades, subjetividades, motivações e desejos.

## 2.2 SANTANA: PORTO DE ENTRADA E SAÍDA, MACAPÁ: A CAPITAL AMAPAENSE

Durante esta pesquisa, visitei outros municípios do Amapá: Santana e Macapá. Na primeira cidade, me dirigi ao porto fluvial, durante três sábados consecutivos do mês de Abril de 2017. Em Santana, observei o embarcar e o desembarcar de pessoas no porto. Nesse local haviam diversos sujeitos que transitavam pelo município, muitos deles originários de outras regiões do Brasil (Maranhão, Ceará), ou, provenientes de pequenas ilhas e núcleos urbanos do Amapá (Ilha de Santana e Rio Maníva) e do Pará (Breves e Afuá).

Santana sendo considerada a porta de entrada para a capital Macapá e para os acessos terrestres aos demais municípios do estado é considerada porto estratégico para o Brasil. Do ponto de vista econômico, já que é responsável pelo escoamento de minérios extraídos na região que são exportados para a América do Norte e Europa, é umas das cidades amapaenses que mais recebe fluxos de pessoas, ela também foi no início da constituição do Território do Amapá para a promulgação de Estado uma das regiões que mais recebeu pessoas provenientes de estados do Nordeste, por conta de grandes empreendimentos de extração mineral.

Portanto, não é de hoje que o porto é o local do desembarque de muitas pessoas oriundas de diversos lugares do território brasileiro, mas é também o espaço desembarque de transeuntes que atravessam a fronteira franco-brasileira. Na grande maioria das vezes, são turistas franceses ou migrantes haitianos, senegaleses, cubanos e venezuelanos que iniciam seus traslado a partir da região.

Logo, nas saídas de campo realizadas nos municípios amapaenses, encontrei migrantes circulando e ocupando essas regiões. Estes sujeitos se localizavam muitas vezes nos centros comerciais, portos, orlas, pousadas, esquinas, restaurantes, igrejas e na própria

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Quanto aos encontros com os migrantes que me foi proporcionado pelo Programa de Apoio a Migrantes e Refugiados – PAMER<sup>15</sup>; pude ter entrevistar migrantes haitianos que haviam sido deportados da Guiana Francesa.

Sendo migrantes haitianos provenientes de lugares diferente do Haiti foram capturados no mesmo dia pela guarda fronteira do Departamento Ultramarino Francês. Em suas narrativas comentaram que a polícia francesa havia feito um favor para ambos, na medida em que, já desejavam retornar para o Haiti. No meio ao processo de deportação, eles ficaram sabendo que a polícia francesa não os enviaria ao seu país natal, mas sim, ao Brasil, país onde os dois haitianos possuíam o visto brasileiro.

Desta forma Roger e Galex, os haitianos deportados, acabaram ficando em Macapá. Hospedados por três dias em um hotel no centro da cidade e com poucos recursos, foram à Igreja evangélica Assembleia de Deus, próxima à hospedaria, pedir ajuda. Nessa ocasião, um membro do PAMER, acadêmico de jornalismo que frequentava a referida igreja, entrou em contato com o Dr. Handerson Joseph. Assim, mediando o contato com a Diocese de Macapá, Joseph conseguiu alojamento para os haitianos na Paróquia Jesus de Nazaré, onde os migrantes receberam alimentos e roupas. Depois de uma semana, Roger voltou para Haiti e Galex foi para o estado de Santa Catarina com intuito de ingressar em alguma universidade.

Em uma conversa que tive com Roger, no abrigo da Diocese de Macapá, ele narrou lembranças da família e seu entendimento acerca da conjuntura política do Haiti. Nosso encontro foi acompanhado por Christopher, jovem haitiano que frequentava o curso pré-vestibular oferecido pela UNIFAP. Convidei Christopher para me auxiliar na tradução da conversação entre nós, pois Roger se expressava com dificuldade em português. Nessa ocasião, perguntei a Roger quais os sentidos que ele atribuía a sua condição de migrante: “um dos motivos que leva uma pessoa a estar ilegal em um país estrangeiro é o fato de não se sentir bem em seu país de origem, passando por dificuldades. Migrar é ir buscar uma vida melhor em outro lugar” (Macapá, fevereiro de 2017).

Roger, portador de visto brasileiro, possui formação em engenharia civil e veio para o Brasil em 2016, à procura de assistência médica, pois, havia fraturado o braço durante o terremoto que atingiu o Haiti em 2010. Após morar dois meses em São Paulo, mudou-se para Guiana Francesa, na busca de algum emprego. Galex, por sua vez, migrou para a Guiana Francesa em busca de uma vaga na universidade, mas, quando chegou ao Departamento Ultramarino Francês, percebeu que a forma de ingresso na universidade local era similar ao

---

<sup>15</sup>Programa de extensão da Universidade do Amapá que atende pessoas em processos migratórios ou refugiadas que se encontram no Estado.

processo seletivo haitiano. Segundo ele: “a família precisaria ter condições financeiras para manter o filho na universidade, sendo poucos os guianenses que acessavam a universidade”. Galex também afirmava que sair do Haiti, lhe oportunizou descobrir novos horizontes: “é sempre uma experiência, pois você tem a possibilidade de conhecer outras realidades” (Galex, Macapá, Fevereiro de 2017).

As experiências descritas por esses dois migrantes revelaram uma realidade muito comum da região como a clandestinidade; independente da nacionalidade há sempre um fluxo de pessoas que atravessam sem o visto de permissão para transitar no território Frances. O Departamento Ultramarino Frances permite até uma terminada zona da região a liberação de visitantes, no entanto, esta regra nem sempre é cumprida. Um exemplo deste fato é os meios que são acessados por alguns haitianos, como relatou Sr. Bena, ao atravessarem em transporte alternativo denominado “canoa de pau”. As fronteiras da Amazônia são diversas e seu controle total é quase que impossível de ser vigiada, entanto, o exército brasileiro junto da polícia estrangeira formam uma força tarefa para sua fiscalização que promove a deportação de diversas pessoas que se encontram ilegal.

Na continuidade dos encontros, ocorridos através do PAMER, conheci outros haitianos. Meu exercício, desta vez, foi apenas observar o diálogo entre os quatro haitianos, os três migrantes e o Dr. Handerson Joseph. A conversa se desenvolvia em crioulo, francês e português ao mesmo tempo. Uma das grandes dificuldades encontradas nessa pesquisa, foi a falta de conhecimento da língua francesa e crioula. Durante as conversas, compreendia pouquíssimas vezes o que estava sendo falado, no entanto, percebia desconfortos explicitados nas expressões faciais dos migrantes, ao narrarem suas condições formais no Brasil, documentados ou indocumentados. Essa mesma percepção de desconforto também foi percebida em outra saída de campo como as realizadas numa pousada da zona norte de Macapá onde conheci mais migrantes.

Esta pousada, conforme me informou uma funcionária do local, era muito procurada por migrantes, por estar geograficamente próxima à rodoviária e a sede da Polícia Federal. Esta mesma interlocutora relatou que o espaço é considerado “um refúgio para essas pessoas”. Neste estabelecimento hoteleiro, a proprietária fornecia comprovantes de residência para os migrantes, documentos que são pré-requisito para a solicitação do visto junto à Polícia Federal brasileira. Por duas vezes visitei essa pousada, conhecendo oito haitianos<sup>16</sup> adultos na

---

<sup>16</sup>No que diz respeito à realidade vivenciada pelos migrantes haitianos, Joseph (2017), constatou a existência de um fluxo intenso de mobilidade haitiana para a região Amazônica, ligada à Guiana Francesa, tornaram-se acentuados, a partir dos anos 2010 e 2012: “De acordo com os meus interlocutores e os coordenadores da

faixa etária entre vinte e três (23) e trinta e cinco (35) anos (seis homens, duas mulheres) e uma criança de aproximadamente cinco anos. Neste contexto, conversei com todos eles e identifiquei uma diversidade de sonhos e objetivos a serem alcançados no Brasil.

Em minha primeira visita ao local, conheci Eliophene, cidadão haitiano que havia morado em São Paulo, e, na ocasião da visita, havia recém-chegado da Guiana Francesa com a pretensão de retornar a São Paulo. Eliophene era o único hospede estrangeiro que falava português. Durante nossa conversa, solicitou minha ajuda, diante das dificuldades encontradas junto aos trâmites burocráticos com a Polícia Federal.

Além de ter conhecido Eliophene também pude conhecer outros migrantes por intermediação dele como Davi que era pintor e motorista no Haiti, mas gostaria de ser caminhoneiro; Richadson, por sua vez, era artista (pintor), e relatou que enquanto estudava na escola desejava ser diplomata; Soner que era pedreiro no Haiti e for fim Diana e Frederico, ela uma das mulheres do grupo, que estava no segundo ano de Tecnologia Médica quando deixou o Haiti e ele queria se tornar médico no Brasil. Todos eles narravam um caminho a ser seguido dentro do Brasil, conforme seus planos de vida, isto é, alguns desejavam ir para Goiânia, outros dois haitianos pretendiam seguir para Santa Catarina, já os demais, planejavam chegar à São Paulo.

As dificuldades que são relatadas por cada sujeito desta pesquisa refletem alguns obstáculos enfrentados mediante realidades distintas das suas, são dificuldades de caráter documental e de idioma. A língua em qualquer lugar do mundo sempre vai ser uma barreira se você não a compreende, no entanto, como alguns migrantes chegam a falar mais de um idioma, de alguma forma, eles conseguem se comunicar, assim como consegue algum meio documental para poder conseguir o visto permanente brasileiro como é o caso dos haitianos que recebem o comprovante de residência da proprietária da pousada. A busca pela legalização no território nacional, não é um procedimento fácil, pois há vários tramites que impedem a fluidez do processo de legalização, um deles é a falta de comprovante de residência que alegue residência fixa para a solicitação do protocolo.

Segundo um interlocutor que compartilhou sua perspectiva sobre sua condição de ser migrante, no seu entendimento: “a partir do momento que recebemos nosso o protocolo, não somos mais, nem migrantes e nem refugiados.” (Davi, Macapá, maio de 2017), são segundo ele cidadãos, mas, a cidadania custa muito para quem se encontra em determinadas situações

---

Pastoral da Mobilidade Humana em Tabatinga, inicialmente, a Tríplice Fronteira e o Brasil em si eram uma espécie de corredor, uma etapa para chegar ao Departamento ultramarino francês, embora muitos tenham permanecido no Brasil.” (JOSEPH, 2017, p.12).

financeiras não muito favoráveis e a morosidade dos processos encarece muito mais a estadia, a alimentação e o mínimo para se manter fora de seu país de origem.

### **3 ATORES, PERCEPÇÕES E DISCURSOS SOCIAIS DA MIGRAÇÃO**

#### **3.1 ATORES EM MOBILIDADE: SUJEITOS E PERCEPÇÕES**

Muitas trajetórias de migrantes matizam de forma instrumental e subjetiva a fronteira estudada. Ao acompanhar as narrativas destes interlocutores em mobilidade, atentei para as observações feitas por Lindomar Albuquerque (2012) de que as fronteiras nacionais podem suscitar espaços enriquecidos pela pluralidade de atores sociais existentes, nesse sentido, os usos que os migrantes fazem da fronteira franco-brasileira inscreve-os no âmbito desta pluralidade.

Durante a pesquisa etnográfica no Oiapoque em contato com migrantes de diferentes nacionalidades, que residiam temporariamente em pousadas e alguns em casas próprias ou alugadas, conheci alguns migrantes haitianos, cubanos e senegaleses. Um deles chamado

Elizeu, haitiano residente no Oiapoque há sete meses, e no Brasil desde 2012, o conheci na Rampa Kayamã, durante minha pesquisa de campo na cidade, comercializando salgados. Hospedado em uma pousada com mínimas estruturas pude conversar com Elizeu no corredor da hospedaria. Ele revelou-me que além de vender salgados, trabalhava como eletricitista e vigilante durante a noite. A dupla jornada de trabalho fazia com que o migrante passasse a maior parte do tempo fora da pousada. Elizeu era portador de visto permanente, e durante a visita na pousada, me contou sobre seu processo de deslocamento até o Brasil:

Em 12 de janeiro de 2010 aconteceu um terremoto no Haiti, depois do terremoto foi o governo brasileiro que deu ajuda para os haitianos conseguirem sair do Haiti. Consegui entrar no Brasil legalmente, por meio do visto que a embaixada brasileira liberou, um visto de trabalho. Em 18 de Setembro de 2012 cheguei a São Paulo. Fiquei por três anos em uma empresa de segurança, mas, depois pedi as contas, na intenção de viajar para Caiena, para tentar uma vida melhor, larguei o emprego. Na realidade, no nosso país Haiti, o haitiano viaja muito. O primeiro filho da família sai para ajudar os irmãos mais novos e os parentes mais velhos. Quase metade da minha família esta fora do Haiti. Eu vim para o Oiapoque porque quando cheguei em Caiena não consegui emprego lá, e, aqui, por já ter vivido em São Paulo é mais fácil consegui emprego e conviver com os brasileiros. Já aprendi muito, mas não vim para ficar... Estar em condição de mobilidade é buscar a possibilidade de melhorar de vida. Vim para melhorar minhas condições, porque meu país estava sem capacidade de melhorias, tô aqui pra tentar mudar de vida (Elizeu, Oiapoque, Maio de 2017).

A fala de Elizeu expõe uma das faces da instrumentalização da fronteira franco-brasileira como um espaço que é tomado e significado por ele, através da garantia do sustento

de sua família por meio dos trabalhos informais que exerce, Elizeu como tantos outros migrantes anseiam em conseguir, nesse território, o acesso a um emprego formal e o sustento da família.<sup>17</sup> Ele não era o único migrante nessa situação, este discurso se repetiu inúmeras vezes em algumas entrevistas e encontros de forma particularizada na experiência vivida por cada um dos sujeitos que escutei.

Igualmente a Elizeu, Mohamed, natural do Senegal, buscava melhorias de vida no comércio de Oiapoque, e já habitava o município há três anos. Ele possuindo visto permanente viajou até o Amapá com o intuito de chegar à Guiana Francesa, mas acabou ficando no Oiapoque, pois não possuía visto Frances e precisaria vender suas mercadorias, habilidade que conseguia fazer sem muitos esforços no município fronteiriço. Mohamed relatou que já havia morado em São Paulo, e que seu objetivo no Oiapoque era “fazer negócios e ir embora”, em outros termos, vender seus produtos e seguir para outras cidades, como, por exemplo, São Paulo, para onde ele viajava com frequência para comprar mercadoria era o meio de se manter na região e também sustentar sua família.

Quando conheci Mohamed o avistei sentado em frente de um salão de beleza, vendendo semijoias e relógios, em pequena bancada improvisada. Conversando com ele, expressou-me o sentido de estar ali – “migrar para mim é poder ajudar minha família. Minha intenção só é trabalhar, só quero trabalhar...”. (Oiapoque, maio de 2017).

O que foi narrado por Mohamed, remete-nos a uma prática muito comum entre os migrantes, o envio de remessas de dinheiro para a manutenção de suas famílias no exterior.<sup>18</sup> A ideia que Mohamed elabora sobre sua condição de migrante-trabalhador em mobilidade, incide sobre os discursos sociais e as práticas diasporicas mais abrangentes. As relações familiares também foram constatadas pelo histórico de viagem de Mohamed, que estava no Brasil na companhia do seu primo, Bidu (também senegalês e vendedor de semijoias).<sup>19</sup>

Sustentar a família e estar inserido no mercado informal para alguns migrantes pode significar uma saída para a manutenção da rede familiar, isto pode ser verificado na fala de Elizeu a dizer que no Haiti os filhos mais novos saem na intenção de ajudar aqueles que permanecem. A permanência de parte dos familiares nos seus países de origem representa

---

<sup>17</sup>Desde 2014, os haitianos no Brasil representam a população migrante que mais tem acesso ao emprego formal no país. Sobre o tema ver: Cavalcanti, Leonardo., T. A. Oliveira T. Tonhati (org). 2015. “A inserção dos imigrantes no Mercado de trabalho brasileiro”. Brasília, *Cadernos OBMigra*, Ed. Especial)

<sup>18</sup>movimentação transnacional que também dinamiza a economia dos países de origem desses sujeitos.

<sup>19</sup>Bidu foi um dos primeiros migrantes que avistei na cidade de Macapá, período relacionado a pesquisa de iniciação científica. Assim como Mohamed, Bidu também passava o dia inteiro trabalhando, motivo que me impediu de estabelecer um diálogo mais duradouro com ele.

como as raízes culturais de “partida e chegada” reverberam no meio familiar aos quais estão introduzidos. Essas raízes culturais não só movimentam um mercado de saída e entrada de moedas, mas também, teias de relações sociais. Teias que podem ser analisadas como redes transnacionais.

No espaço fronteiriço franco-brasileiro também conheci Alexandre (médico cubano), por intermédio de Luís Carlos, professor da rede pública de ensino amapaense, escritor e natural de São Paulo. Em nossa conversa, tomei conhecimento da existência de uma comunidade de médicos cubanos atuantes na região. Este interlocutor também comentou sobre o contexto da presença de migrantes no Oiapoque, apontando disparidades sociais relacionadas aos migrantes haitianos e os cubanos no município:

A situação dos médicos cubanos é uma, e a situação dos haitianos é outra. Os haitianos passaram por uma situação delicada devido ao terremoto que os atingiu em 2010. Muitos desses migrantes que aqui estão, usam Oiapoque como uma “ponte”. Já os médicos cubanos vieram por meio de um programa do governo federal. O atendimento dos médicos cubanos é melhor, em relação, aos atendimentos realizados por médicos brasileiros. A meu ver, a presença dos migrantes haitianos promove a recolonização do Brasil. (Luís Carlos, Oiapoque, Maio de 2017).

Alexandre, por sua vez, era cidadão cubano, proprietário de uma farmácia estabelecida em um compartimento de sua casa. Formado em medicina, chegou ao Oiapoque por meio do Programa Mais Médicos<sup>20</sup>, e já residia no município há três anos na ocasião de nosso encontro. Alexandre viu no programa do governo federal brasileiro, a oportunidade de sair de Cuba, assim, constituiu família com uma brasileira, enfermeira da rede pública de saúde, desta relação por meio do casamento ele adquirindo seu visto de permanência. Conversando com ele relatou que “migrar é ter o direito universal de viver aonde quiser, é sair do seu país de origem sabendo que vai enfrentar qualquer trabalho, cultura e preconceito” (Oiapoque, Maio de 2017). O “viver aonde quiser” de Alexandre, implica movimento, isto é, ter a liberdade de se movimentar, escolher o que é melhor para si e de estabelecer moradia onde desejar. Dentre suas escolhas, o migrante optou por participar do programa “Mais Médicos” no município de Oiapoque, e após o encerramento do contrato de trabalho, abriu a farmácia em sua casa. Depois de sua participação no Programa, Alexandrenão não pôde mais exercer sua profissão no local, pois não havia validado o diploma no Brasil. Enquanto migrante, que deveria ter seus direitos garantidos, sentia-se desrespeitado, pois segundo ele, “o Brasil não dá condições para os profissionais viverem”, fazendo referência a validação do

---

<sup>20</sup>O Programa Mais Médicos (PMM) é parte de um amplo esforço do Governo Federal, com apoio de estados e municípios, para a melhoria do atendimento aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). <<http://maismedicos.gov.br/conheca-programa>> Acessoem: 05 de Dezembro de 2017

diploma médico.<sup>21</sup> Disse-me, ainda , que a sociedade brasileira tem olhares divergentes sobre a figura dos migrantes: “muitos brasileiros dizem que a gente quer roubar eles, roubar o emprego deles... é uma ignorância, perseguição... mas tem outros brasileiros que nos acolhem, aproveitam de nossa presença.” (Oiapoque, Maio de 2017).

Em análise, entendo que as diferentes narrativas que cada sujeito migrante traz sobre estar em situação de migração no Brasil, elas elucidam os espaços qualificados de onde saíram, e também matizam os lugares percorridos e instrumentalizados na apropriação de uma terra estrangeira como nova morada, e além disso, refletem percepções sobre a presença de migrantes em sociedades diferentes das suas onde o migrante carrega um estigma por apenas de o direito de ir e vim, são preconceitos de classe, cor e língua que mistificam a mobilidade de homens e mulheres.

Portanto, sujeitos como Elizeu, Mohamed e Alexandre anseiam em participar da construção de uma realidade favorável à transmissão dos seus costumes, a convivência com suas famílias e o exercício de suas profissões e de seus laços sociais. Esta confluência de experiências e expectativas demarca o aspecto transnacional da narrativa destes migrantes.

Neste quadro, é importante reafirmar que há uma diversidade de pessoas e instituições que configuram as tramas sociais da mobilidade. Entre as quais, as instituições policiais, religiosas e assistencialistas, que tecem, junto com a percepção dos migrantes, a linha do discurso social atribuído ao movimento migratório no espaço fronteiriço.

Neste contexto, situo o trabalho da casa Bom Samaritano, administrada pelas missionárias Ruth e Irmã Terezinha. Esta casa designada para o acolhimento de pessoas em vulnerabilidade social é mantida pela igreja católica. A prática assistencial dessa instituição sempre foi caracterizada pelo acolhimento de crianças, jovens, mulheres, garimpeiros e migrantes.<sup>22</sup>

O trabalho da Igreja Católica, no amparo aos migrantes e refugiados, tem crescido substancialmente na atualidade, dentro de um quadro nacional de apoio às pessoas em situação de vulnerabilidade,<sup>23</sup>um exemplo desse trabalho é a Cáritas Brasileira – Organismo vinculado ao Conselho Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB). A Cáritas Brasileira é uma

---

<sup>21</sup>Procedimento de custo elevado que todo estrangeiro ou brasileiro que estudou medicina no exterior precisa realizar se deseja a profissão no Brasil.

<sup>23</sup>A atuação da igreja em movimentos sociais já é antiga, principalmente a católica, que por muito tempo esteve à frente de movimentos e/ou forneceu ferramentas intelectuais para os mais vulneráveis, na intenção, de fazê-los lutar por seus direitos. Ver:<<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/abrigo-para-venezuelanos-comeca-a-funcionar-nafronteiraroraima.ghtml>>; <[https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/com-5787-pedidos-de-refugio-em-6-meses-numero-de-entrada-de-venezuelanos-mais-do-que-dobra-em\\_roraima.ghtml](https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/com-5787-pedidos-de-refugio-em-6-meses-numero-de-entrada-de-venezuelanos-mais-do-que-dobra-em_roraima.ghtml)>Acessoem: 25 de Março de 2017



entidade de promoção social que atua na defesa dos direitos humanos, na segurança alimentar e no desenvolvimento sustentável e solidário, trabalhando em parceria com o Governo Brasileiro e com Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR).

No âmbito de Oiapoque, a Igreja Católica também tem desenvolvido o projeto “Missão nas Fronteiras”. Este é um projeto de ação contínua, articulado em resposta às necessidades relativas às questões socioambientais, políticas, étnico-culturais e religiosas, que estão atreladas ao contexto geral do Platô das Guianas.

A entidade atua no combate ao tráfico de pessoas, a exploração sexual e laboral, a dependência química e a violência doméstica. No âmbito da região o combate à exploração sexual e a violência doméstica são focos privilegiados das instituições, em parceria ao Centro de Referência da Mulher - Oiapoque, Ong's – DEPAC e a Casa Bom Samaritano.

No quadro de instituições que trabalham com essas demandas locais (defesa dos direitos humanos), conheci a Ong DPAC - Fronteira<sup>24</sup>. Este centro social de fronteira, financiado pela União Europeia, atua na orientação de jovens e famílias em situação de vulnerabilidade social, sendo referência nos campos de acolhimento, educação e prevenção.

Em Setembro de 2016, tive a oportunidade de conhecer o trabalho do DPAC - Fronteira. Visitando a ONG, conheci um casal de migrantes, naturalizados cubanos, que haviam deixado o país de origem por questões sociais. Conversando com a coordenadora do DPAC, fui informada que a ONG atendia migrantes e refugiados. Segundo a coordenação, dentro das suas atribuições, o centro vem oferecendo cursos de idiomas e protagonizado iniciativas de combate e prevenção a doenças sexualmente transmissíveis.

Nesta ONG conheci o migrante cubano chamado Guilherme, migrante acolhido no centro, que havia chegado ao Brasil em 23 de Janeiro de 2017. A coordenação da organização tem promovido uma iniciativa denominada “voluntariado social”, desenvolvida em parceria com comerciantes do município. Este projeto auxilia na inserção de migrantes no mercado de trabalho local. Guilherme foi um dos beneficiados do projeto “voluntariado social”, iniciativa que qualificou como uma oportunidade de emprego, pois, suas motivações de ter saído do seu país de origem foram o contexto de dificuldades econômicas.

Estas redes assistencialistas, que se inscrevem no espaço franco-brasileiro, compõem a trama do discurso social fronteiriço. Estas instituições tornam-se meios de acesso, segurança e proteção nos lugares onde o Estado brasileiro se faz ausente. Elas conformam uma

---

<sup>24</sup>Desenvolvimento, Prevenção Acompanhamento e Cooperação de Fronteira.

hierarquia das estruturas significantes, que estão presentes no discurso social e nos dizeres das pessoas que habitam e ocupam a cidade de Oiapoque.

### 3.2 “BARREIRAS, UMA MEDIDA DE SEGURANÇA E BEM-ESTAR”

A fronteira franco-brasileira, caracterizada por esses sujeitos em mobilidade, é um lugar utilizado por todos aqueles que compõem esta trama social. As fronteiras nacionais e internacionais são lugares onde os Estados se fazem presente por meio das estruturas de controle e vigilância, representadas por instituições civis e militares. Os atores e as instituições governamentais que participam destas relações sociais hierárquicas são formadores de discursos e reprodutores de imagens atribuídas à migração.

Nestes termos, situo a Lei 6.815 de 19 de Agosto de 1980, legislação que regulamentou a entrada e permanência de estrangeiros no território brasileiro, até 25 de Maio de 2017. Esta lei condicionava aos estrangeiros mais deveres do que direitos, com intuito de garantir “a segurança nacional, a organização institucional, os interesses políticos, socioeconômicos e culturais do Brasil, bem como, à defesa do trabalhador nacional” (Art. 2º. 1980).

O Brasil, desde o período colonial, até a promulgação da Constituição de 1988, forjou leis que admitiam a entrada, a qualificação e a permanência de migrantes tidos como “desejáveis”, brancos e europeus, preferencialmente. A intenção do governo brasileiro, ao incentivar a vinda de certos tipos de migrantes, era promover a miscigenação, a assimilação e o “melhoramento da população brasileira”. Este “plano de melhoramento da população”, sempre foi acompanhado de políticas de seguridade nacional. O Brasil sempre carregou um histórico de leis baseadas em medidas policiais, que inibem e constroem a mobilidade das pessoas em mobilidade. Estas medidas, não fizeram parte unicamente da conjuntura brasileira, mas também de diversos países da América Latina como, por exemplo, a Argentina que enquanto Estado praticou forte repressão às migrações no país, durante um longo período de sua história. Segundo Domenech (2011, p.34), que analisou o regime de controle migratório da Argentina no Século XX:

[...] Argentina, a lo largo del siglo veinte, se instaura en ámbito de las migraciones - de manera progresiva y acumulativa, así como selectiva y fragmentada - un régimen de control de la migración ilegal mediante un conjunto de mecanismos y medidas referidos a la admisión, la permanencia y la expulsión de los extranjeros, que giran al rededor de ideas y prácticas de prevención y represión de individuos declarados como ilegales. (DOMENECH, 2011, p.34)

Machado (2016) tem analisado que estas “políticas de Estado” se desdobram, na prática, em “medidas policiais”, que tem o objetivo de inibir migrantes em potencial, por meio da legitimação de barreiras físicas e simbólicas. Estes aparelhos de Estado, por meio de um conjunto de mecanismos burocráticos (definidores de critérios das legalidades e ilegalidades) influem sobre a trajetória de mobilidade dos milhares de indivíduos, e também sobre os discursos sociais produzidos e reproduzidos acerca dos processos migratórios.

A partir do momento que os processos legislativos produzem os estrangeiros, o Estado se auto define, pois essas instituições que legislam são tentáculos do próprio Estado. Logo, se o Estado define o estrangeiro por meio de medidas policiais (perigo a nação) o mesmo teme ao migrante. (MACHADO, 2016, p.210)

No contexto de transformação da Legislação brasileira, a Lei 6.815 (1980) foi substituída pela nova Lei de Migração, a Lei 13.445 de 25 de Maio de 2017. Este novo dispositivo jurídico reconhece direitos em condições de igualdade com os nacionais, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, conforme o Art.4º desta Lei.

No entanto, apesar da garantia de uma nova Lei de Migração, elaborada especificamente para o contexto brasileiro, as barreiras ideológicas continuam sendo as principais inibidoras das práticas migratórias. A produção de discursos sociais sedimenta barreiras ideológicas e culturais, que podem se reproduzir no tempo, isto é, são discursos que ressoam em sociedades, no sujeito migrante, nas instituições e nas tramas burocráticas dos países e cidades que “recepionam” os migrantes.

Os dias que passei na cidade de Oiapoque, em Maio de 2017, foram dedicados também a visitas de duas instituições de seguridade fronteiriça – a Polícia Federal e o Comando de Fronteira de Clevelândia do Norte. Escolhi me dirigir até elas por se tratarem de instituições que lidavam, direta ou indiretamente, com a migração.

No segundo dia de campo na cidade, conversei com o chefe do Núcleo de Migração (NOMIG), da Polícia Federal. O setor de migração daquele recinto tratava apenas de questões administrativas voltadas para o atendimento de estrangeiros que solicitavam visto de permanência, passaporte e o carimbo para circulação no território brasileiro. O representante do Núcleo de Migração me afirmava que os pedidos de refúgio e permanência são os mais frequentes; cerca de uma dezena de solicitações mensais. Este documento era requerido, sobretudo, por migrantes haitianos, variando, pois eram solicitações sazonais. Depois de tomar conhecimento sobre a rotina de funcionamento do local, perguntei ao Chefe do núcleo, como o NOMIG avaliava a atuação do órgão frente à presença dos migrantes na região fronteiriça.

Resguardando o estilo de vida social brasileiro, acho meio estranho o Brasil abrir muito as portas para os migrantes. Eles vêm para o Brasil, solicitar o refúgio, que é um direito deles, no entanto, como muitos possuem família na Guiana Francesa, eles fazem solicitação aqui no Oiapoque e no Departamento Ultramarino Francês, dificultando nosso trabalho; na hora de localizá-los, fica difícil, pois muitos não atualizam o endereço, não deixam telefone, não tem nada... não procuram saber dos processos, ou de vez em quando, tentam entrar com documentos falsos, utilizando documentos de familiares da Guiana Francesa, porque eles são meio parecidos, a exemplo dessa situação, já pegamos três ou quatro casos de passaportes falsos. (Chefe do NOMIG, Oiapoque, Maio de 2017).

Os nuances do discurso do chefe do núcleo de migração, refletiam aos preceitos da política de controle vigente – a Lei 6.815 de 19 de Agosto de 1980. Assim, enxergava estes sujeitos como portadores de direito, mas também como possíveis ameaças a um “estilo de vida social brasileiro”. Este ponto de vista do chefe do núcleo entra em consonância ao que Machado (2016) afirmou ao, analisar a lei 6.815 de 19 de Agosto de 1980:

Ao cruzar as linhas que formam um plano (a superfície do Estado), o imigrante embaralha regras e é imediatamente visto como um “poluidor” em potencial: da saúde à política, ele é uma ameaça. Como tal, deve ser imobilizado entre linhas rigorosas que o Estado lhe impõe. (MACHADO 2016, p. 213)

A atribuição de “poluidor” em potencial que os migrantes carregam, também está subentendida no discurso do chefe do NOMIG.

A outra instituição estatal que visitei, foi o Comando de Fronteira de Clevelândia do Norte. Estive por dois momentos naquele recinto, e já na primeira vez, fui informada da função daquele comando: “a vigilância estratégica da fronteira”. O regime operacional daquele Comando se ilustrou nas palavras do capitão daquele Batalhão de Fronteira:

Controlando o fluxo de pessoas que atravessam o rio, com operações de bloqueio e fiscalização, atuando direto em operações de crimes transfronteiriços – tudo que adentra a fronteira em forma de contrabando (tudo aquilo que é ilegal) e descaminho (uma forma de burlar a legislação), e operando em parcerias com outras polícias – PF, PRF, Legião Estrangeira Francesa, para manter o controle fronteiriço. (Capitão de fronteira, Oiapoque, Maio de 2017).

Entre essas ações militares, destaco a operação CURARE<sup>25</sup>, na qual acompanhei de perto a rigidez da fiscalização e do controle realizado sobre as embarcações que subiam o Rio Oiapoque em direção aos garimpos. A fiscalização rigorosa se estendia também às estradas da região, onde o Comando Militar atuava em conjunto com a Polícia Federal e a Polícia Rodoviária Federal. Nas operações de estrada em 2016, conforme me informou um militar, foram encontrados dez migrantes haitianos, a caminho de Macapá. Em conversa com o

<sup>25</sup>Operação CURARE é uma iniciativa do Comando de Fronteira de Clevelândia do Norte – Exército Brasileiro, em parceria com outras instituições estatais do Brasil e da França, tais como a Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Receita Federal e Legião Estrangeira Francesa. Esta operação atua na proteção e controle da fronteira franco-brasileira, com atenção, aos garimpos clandestinos, ao contrabando de mercadorias e a rota do tráfico de pessoas e tráfico de drogas.

capitão, ele informou sobre a representação que o Batalhão de Fronteira concebia aos sujeitos encontrados na fronteira franco-brasileira:

Essa quantidade de migrantes que nós verificamos aqui no Oiapoque, ela não chega a ser um problema, porém, talvez em grande número, poderia ser um problema, mas o que eu vejo hoje, pela quantidade que não é expressiva, não vejo um problema. (Capitão de Comando de Fronteira, Oiapoque, Maio de 2017).

A sentença proferida pelo capitão é semelhante à análise que Sayad faz em seu livro sobre “A imigração ou os paradoxos da alteridade” (1998):

(O Migrante é) produto, o mais das vezes, de uma problemática que lhe é imposta de fora, e à qual não é sempre fácil escapar, o discurso (científico ou não) sobre o imigrante e sobre a imigração está condenado, para poder falar de seu objeto, a acoplá-lo a toda uma série de outros objetos ou de outros problemas. Aliás, seria possível falar dele de outra forma? Está no estatuto do imigrante (estatuto ao mesmo tempo social, jurídico, político e, também, científico), e, por conseguinte, na própria natureza da imigração, só poderem ser nomeados, só poderem ser captados e tratados através dos diferentes problemas a que se encontram associados – problemas que se devem entender aqui no sentido de dificuldades, distúrbios, danos etc., [...]. (SAYAD, 1998, p.15)

Esses discursos, expressos em enunciados institucionais, depreciam a presença do migrante na fronteira estudada. Todavia, para além de discursos, essas “imagens” do migrante na fronteira, convertem-se em medidas e procedimentos que podem dificultar os processos de mobilidade de indivíduos e solicitação de serviços. A aplicação da nova Lei da Migração pode ser executada, mas discursos sociais depreciativos e tratamentos constrangedores, no atendimento aos migrantes, ainda se perpetuam.

#### 4 CONCLUSÃO

Esta etnografia teve por objetivo identificar as percepções e os discursos sociais atribuídos às imagens da migração no espaço fronteiro franco-brasileiro. Desta maneira, o estudo reuniu narrativas de migrantes e de outros sujeitos que compõe as estruturas sociais dessa fronteira. Durante as saídas de campo, observei o cotidiano de três cidades amapaenses localizadas à beira rio: Oiapoque, Santana e Macapá. Ao percorrer estes municípios, identifiquei a presença de diferentes atores: Ribeirinhos, indígenas, agricultores familiares, catraieiros, pescadores, migrantes, instituições governamentais e entidades sociais, que partilhavam o limiar da fronteira como um lugar instrumentalizado e subjetivo.

Ao interagir com os habitantes locais e indivíduos em mobilidade, os sujeitos compartilharam suas trajetórias sociais marcadas pelo trabalho e pela busca de melhores condições de vida. Neste sentido, um casal de habitantes do Oiapoque (o catraieiro Benedito e

a autônoma Nilza) assinalou a presença de estrangeiros que estavam no local trabalhando, que a semelhança do casal, buscavam garantir o sustento de suas famílias. Desta forma, a narrativa de Mohamed, migrante senegalês que relatou ter migrado para o Brasil no intuito de “trabalhar e trabalhar” para ajudar sua família vai de encontro às expectativas de melhoria de vida compartilhadas por Elizeu, migrante haitiano, que também buscava um emprego na região. Por sua vez, Galex e Frederico (ambos migrantes haitianos) atribuíram à possibilidade de estudar no país uma forma de ascensão social.

Logo, ao descrever os sonhos, os objetivos e as percepções de sujeitos em mobilidade, valorizando as imagens que eles mesmos atribuíam a sua condição de migrantes no território brasileiro, apresentei sujeitos que anseiam em participar da construção de uma realidade favorável à transmissão dos seus costumes, a convivência com suas famílias, o exercício de suas profissões e de seus laços sociais. Ainda nesta direção, situo a percepção do brasileiro, Luiz Carlos, que afirmou que os migrantes promovem a “recolonização do país”, o que contracena com o relato do catraieiro Benedito, ao dizer que os haitianos atravessam o rio clandestinamente em direção a Guiana Francesa. Por fim, localizo a fala de Davi, migrante haitiano, que mencionou que “a partir do momento que recebemos nosso protocolo, não somos mais, nem migrantes e nem refugiados.”

De forma complementar, localizei, também, as redes assistencialistas que elaboram um discurso social inclusivo na fronteira. Esta perspectiva pode ser ilustrada ao situar a Casa Bom Samaritano, que atende tanto brasileiros quanto migrantes que se encontram em situação de vulnerabilidade social. O discurso de uma fronteira inclusiva encontra respaldo na ênfase de Jane, coordenadora do DPAC, ao afirmar que a ONG “é uma grande casa que acolhe a todos”. Por outro lado, identifiquei as instituições governamentais (sobretudo as militares) que através dos seus enunciados de controle e vigilância, reproduzem estigmas associados à imagem dos processos migratórios. Esta perspectiva estava expressa na fala do chefe do NOMIG, que situou sua percepção: “Resguardando o estilo de vida social brasileiro, acho meio estranho o Brasil abrir muito as portas para os migrantes”.

Desta maneira, a pesquisa etnográfica evidenciou um espaço fronteiriço nuançado por atores, percepções e discursos sociais destoantes. Esta tríade evocou as instrumentalizações do Estado, os usos do espaço fronteiriço pelos sujeitos, as subjetividades e também os desafios enfrentados cotidianamente por estes sujeitos que se encontram no território brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, José Lindomar C. A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 15, nº 31, p. 137-166, jan/jun. 2009.
- \_\_\_\_\_. Fronteiras Múltiplas e Paradoxais. In: **Textos & Debates: Revista de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima** n.1 (1995). Boa Vista : Editora UFRR, 1995.
- \_\_\_\_\_. O papel do entorno no acolhimento e na integração de populações migrantes para o exercício pleno da cidadania. In: **Refúgio e hospitalidade**. Curitiba: Kairós Edições, 2016. 424p.
- BERTOLI, Ir. Isidora. *et al.* **Realidade Migratória em Macapá e Santana**. 1995. 60 p.
- BRASIL. **Lei n. 6.815, de 19 de Agosto de 1980**. Legislação que regulamentou da entrada a permanência de estrangeiros no território brasileiro. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6815.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6815.htm)> Acesso em: 01 Dez. 2017.
- BRASIL. **Lei n. 13.445, de 25 de Maio de 2017**. Nova Lei de Migração. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13445-24-maio-2017-784925-publicacaooriginal-152812-pl.html>> Acesso em: 01 Dez 2017.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998, 220 pp.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. (cap.1). In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HANNERZ, Ulf. **Fluxos, Fronteiras, Híbridos: Palavras-Chave Da Antropologia Transnacional**. Mana. p. 7-39, 1997.
- JOSEPH, Handerson. Diáspora: As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2015.
- \_\_\_\_\_. Diáspora: Sentidos Sociais e Mobilidades Haitianas. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, Ano 21, N. 43, P. 51-78, Jan./Jun. 2015.
- \_\_\_\_\_. A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O Brasil como novo espaço migratório. In: **Periplos**, v. 1, n. 1 (2017).
- KOIFMAN, Fábio. **Imigrante ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1946)** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- MACHADO, Igor José de Renó. Imobilizações da diferença e os fantasmas de controle: reflexões sobre a produção legislativa recente sobre migrantes no Brasil. In: **Refúgio e hospitalidade**. Curitiba:Kairós Edições, 2016. 424 p.

NETO, Helion Póvoa. Barreiras físicas à circulação como dispositivos de política migratória: notas para uma tipologia. **Anais...V Encontro Nacional sobre Migrações da ABEP, dos trabalhos: “Muros, fronteiras e campos: barreiras à mobilidade, política migratória e novas territorialidades”**, 6º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE), set. 2007.

OLIVEIRA, Betiana de Souza. Dinâmicas sociais na fronteira entre o Estado do Amapá e a Guiana Francesa: um estudo sobre Oiapoque, Vila Vitória do Oiapoque e Cayenne. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Amapá., Macapá, 2011.

OLIVEIRA, Márcia Maria. **Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea**. São Carlos: Editora Scienza, 2016. 304 p.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro:Relume-Dumará, 1995.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.